

## LINGUÍSTICA DE CORPUS E REVELAÇÕES CULTURAIS

O futebol é o esporte mais praticado no Brasil e no mundo. É reconhecido mundialmente enquanto competição, manifestação cultural e até mesmo como um mercado na ordem econômica. É praticado em todo o país por camadas sociais distintas e em diferentes espaços: campos de várzea, quadras, praias, ruas, escolas, clubes etc. Enfim, é parte do cotidiano de muitos brasileiros. DaMatta (1982, p. 21) destaca que "o futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir".

É fato que as relações futebolísticas entre o Brasil e os países da Europa crescem cada vez mais (CRUZ, 2005); seja pelo intercâmbio de contratos de jogadores e técnicos; pelos direitos de transmissão de campeonatos; pelo patrocínio de jogadores por grandes marcas e por qualquer outra negociação que envolva um produto relacionado ao futebol.

Para que todas essas relações se materializem, estabelecemos uma comunicação que, na grande maioria das vezes, se dá no uso da língua inglesa. No entanto, cada nação tem a sua maneira de jogar, torcer e narrar, maneira, esta, expressa por meio da nossa língua materna. O problema surge quando queremos expressar essas particularidades em uma língua estrangeira.

Embora seja, muitas vezes, relacionado somente ao lazer, o futebol é uma área técnica, pois possui um vocabulário específico organizado em torno de uma temática. Constitui uma área técnica tanto no Brasil quanto em outros países. Sendo assim, possui uma linguagem específica utilizada para descrever acontecimentos a ele relacionados. Essa linguagem é padronizada e, justamente por esse motivo, não pode ser utilizada de qualquer forma.

No mestrado, fizemos um estudo aprofundado da terminologia do futebol por meio do estabelecimento de equivalentes fraseológicos. A partir da compilação de um *corpus* comparável português-inglês de futebol, identificamos as Unidades Fraseológicas Especializadas (UFEs) mais frequentes no *corpus* de português e seus equivalentes no *corpus* de inglês para, assim, criar um modelo de glossário bilíngue português-inglês de fraseologias do futebol. Durante a pesquisa, constatamos que, diferentemente do que já se foi afirmado por vertentes mais clássicas da Terminologia, as linguagens de especialidades são altamente influenciáveis por fatores culturais.

Esta apresentação tem como objetivo mostrar como o cenário comunicativo, o contexto discursivo e os aspectos comunicativos, pragmáticos e culturais contribuem para uma extração terminológica bilíngue que leve em conta as particularidades de uma dada linguagem de especialidade. Sendo assim, apresentamos vários casos de estudo em que os fatores culturais desempenham papel fundamental para o entendimento do funcionamento da terminologia do futebol.

A fundamentação teórica embasa-se na Linguística de *Corpus*, na Terminologia Textual, na Tradução Técnica como ato comunicativo sujeito a condicionantes culturais e no conceito forma-representação.

A linguística de *Corpus* foi essencial para a identificação dos assuntos mais abordados nas duas línguas, dos termos e das UFEs mais frequentes, dos *hapax legomena* (itens lexicais que ocorrem uma única vez no corpus) e de algumas ocorrências e UFEs com baixo índice de frequência. Sem o levantamento estatístico que a LC nos possibilitou, seria praticamente impossível afirmar e explicar, com propriedade, como os fatores culturais permeiam a produção de textos sobre futebol no Brasil e na Inglaterra e, conseqüentemente, sua tradução e terminologia.

A Terminologia Textual (FINATTO & KRIEGER 2004) direcionou nosso estudo para a descrição de variações, neologismos, sintagmas terminológicos, colocações, coligações e fraseologias da linguagem do futebol, levando em conta não somente os aspectos linguísticos, mas também os comunicativos, cognitivos e pragmáticos.

Abordar a Tradução Técnica como ato comunicativo sujeito a condicionantes culturais nos permitiu trabalhar com a possibilidade de que o texto técnico, assim como qualquer outra forma de comunicação, está atrelado a uma realidade sócio-histórico-cultural.

Por fim, o conceito forma-representação de Toledo (2002) foi fundamental para entendermos algumas discrepâncias na linguagem utilizada para falar de futebol em inglês e português.

Para alcançar nossos objetivos, construímos um *corpus* de, aproximadamente, um milhão de palavras em cada língua: 917073 em português e 1002897 em inglês. Coletamos textos de notícias de resultados de partida, narrações minuto a minuto, “transmissão social” e regras do jogo de 27 veículos de informação em inglês e 18 em português. A análise do *corpus* foi realizada de maneira semiautomática, utilizando o

etiquetador *Tree-Tagger* para fazer a etiquetagem morfossintática dos textos e o programa *WordSmith Tools* para explorar o *corpus*.

A compilação do *corpus* deu-se de forma simples. No entanto, seu balanceamento foi uma das tarefas mais laboriosas da pesquisa devido às diferenças culturais que influenciam o estilo do futebol jogado no Brasil e na Inglaterra e que regem a produção jornalística esportiva de cada país.

A diferença do número de palavras de um texto jornalístico de resultado de partidas em inglês e português foi explicada pelo conceito de *high* e *low-context cultures*, em que a quantidade de informação linguística necessária pra transmitir o significado varia de acordo com a cultura. O Brasil pertence à categoria de países *high-context*, caracterizados por deixarem grande quantidade de elementos contextuais implícitos. Por esse motivo, informações que estão subentendidas na fala ou, em nosso caso, em um texto contribuem de forma efetiva para a transmissão do significado. A Inglaterra, por outro lado, pertence à categoria de países *low-context*, caracterizados por explicitar os elementos contextuais e debater exaustivamente os assuntos de modo que não restem dúvidas que dêem margem a uma interpretação equivocada. No caso das notícias e das transmissões minuto a minuto, observamos que os textos em português apresentam um relato sucinto, enfatizando os gols e dando pouco destaque para as jogadas, focando, dessa forma, o resultado em detrimento dos meios, até mesmo nas narrações minuto a minuto. Já os textos em inglês descrevem a partida com riqueza de detalhes e apresentam, quase sempre, além de um apanhado geral, a descrição dos lances mais importantes, enfatizando a importância dos meios e do resultado. Já os textos da “transmissão social” em inglês também são mais extensos do que os textos em português. Nesse caso, além das particularidades dos países de *high* e *low-context*, destacamos o interesse e o hábito do torcedor inglês de comentar a partida junto com o narrador, prática que não se mostrou popular no Brasil.

Ante as diferenças expostas, realizamos o balanceamento final do *corpus* pelo número de palavras em cada gênero textual e não pelo número de textos.

A diferença no número de UFEs nas duas línguas e a maior variedade de verbos no *corpus* de inglês foram explicadas pelo conceito forma-representação, segundo o qual diferentes regiões se apropriam das regras de forma distinta, determinando, assim, ‘estilos’ próprios de jogar, que são traduzidos no código linguístico. O fato de o futebol inglês ser mais rápido e mais “pegado” do que o futebol brasileiro justifica a alta frequência de UFEs que indicam ação violenta, impulso, explosão e velocidade no

*corpus* de inglês. As UFEs utilizadas para narrar gols de cabeça, também mais comuns nos periódicos britânicos, refletem a alta incidência de jogadas aéreas, características do futebol inglês. A maior variação de UFEs que descrevem a trajetória da bola, tanto em um gol quanto em uma tentativa, pode ser explicada pelo conceito de *high* e *low-context culture*. O torcedor brasileiro (*high-context*) espera um relato mais breve da partida e ênfase no produto final, o gol. Já o torcedor inglês (*low-context*) espera que os lances sejam narrados de forma precisa, com ênfase nos meios, ou seja, nas jogadas, que levaram ao gol.

As reflexões deste trabalho nos mostraram que a Terminologia não é uma atividade prescritiva, na qual os termos devem ser normatizados a fim de garantir a eficácia de uma comunicação especializada. Ao contrário, os fatores culturais, o contexto e a situação e a finalidade de uso influenciam de forma direta o funcionamento das terminologias; por esse motivo, o fazer terminológico, principalmente o bilíngue, deve considerar todos esses elementos na compilação de obras terminográficas.

Ainda há muito trabalho a ser feito sobre a terminologia bilíngue do futebol, principalmente entre o par de línguas português-inglês. Fator, este, não muito positivo para um país que tem o futebol como paixão nacional e que será sede da próxima Copa do Mundo.

Por fim, acreditamos que o *corpus* compilado pode ser utilizado para a elaboração de um glossário bem mais abrangente do que os disponíveis *on-line*, que disponibilize os termos e UFEs mais comuns em português e seus equivalentes em inglês levando em conta as particularidades do futebol em cada cultura.